

ISSN 2674-5844



revista

# Educação & Evolução

V.4, N.2 DEZEMBRO 2022



# Educação & Evolução

†)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)**

Revista Educação & Evolução, vol. 4, n. 2 / Equipe editorial Cristiane P. de Oliveira, Cristina Patrício de Oliveira, Viviane Rosa de Oliveira. – São Paulo, SP: Publicação Independente, dezembro 2022.

Mensal.

Vol. 1, n. 1 (nov. 2019)

ISSN 2674-5844

Disponível em: <http://www.revistaeducacaoevolucão.com.br/>

1. Educação. 2. Políticas educacionais. 3. Prática de ensino.  
4. Professores – Formação.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

# EDITORIAL

Esta edição de número 2 do volume 4 da Revista Educação & Evolução traz muito conteúdo sobre o universo lúdico na educação, seja para a Educação ou para o Ensino Fundamental, é um tema muito discutido e referenciado por nossos professores, uma vez que há algum tempo tenta-se fugir das aulas tradicionais e procura-se introduzir aulas mais dinâmicas e voltadas para as metas trazidas pela BNCC.

Outro fator muito importante é o tema “lúdico” com o mesmo objetivo de alcance voltado para as crianças com necessidades especiais. É muito bom ver essa preocupação por parte dos educadores, pensando sempre na inclusão e na diversidade na sala de aula. Pudemos comprovar isso aqui na revista, através dos artigos das nossas queridas professoras escritoras, vimos através das leituras que o lúdico é um recurso metodológico de muita relevância para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças, sendo elas da Educação Infantil ou mesmo do Ensino Fundamental.

Sendo assim, mais uma vez ressaltamos a importância da troca de ideias, de experiências, a contribuição e a reflexão dos professores, sejam eles das escolas públicas ou privadas. Por isso, aproveito este espaço para convidar vocês a lerem esses artigos aqui publicados e também a trazer suas obras para esta revista.

Aproveitamos que estamos no mês de dezembro de 2022 para cumprimentar a todos e todas, engajados nesse projeto, além dos colaboradores e leitores, para que abracem o ano de 2023 com muito saúde, paz e sabedoria, além de muita prosperidade em seus projetos pessoais e profissionais. Obrigado (a) pelo carinho e confiança que depositaram em nossa equipe.

Boa leitura!

**Equipe Editorial**  
**Revista Educação & Evolução**

## **EQUIPE EDITORIAL**

Cristiane P. de Oliveira  
Cristina Patricio de Oliveira  
Viviane Rosa de Oliveira

**CHEFE EDITORIAL**  
Cristina Patrício de Oliveira

## **REVISÃO E NORMALIZAÇÃO DE TEXTOS**

Cristina Patricio de Oliveira  
Viviane Rosa de Oliveira

## **PROGRAMAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO**

Cristiane Patrícia de  
Oliveira

---

## **REVISTA EDUCAÇÃO & EVOLUÇÃO**

**Volume 4 – Número 2**  
**Dezembro /2022**

---

Os artigos assinados são  
responsabilidade única  
dos seus autores e não  
apresentam a opinião do  
Conselho Editorial  
É permitida a reprodução  
total ou parcial dos  
artigos desta revista,  
desde que citada a fonte.

---

Rua Mandú, 285 – Apto  
143 Vila Granada – São  
Paulo/SP  
CEP: 03622-000

---

# *SUMÁRIO*

- 04**      **A COMPREENSÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS  
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**  
Gigliola Mirna Bigaran Xavier
- 10**      **AS DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM  
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS**  
Gigliola Mirna Bigaran Xavier
- 18**      **A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO  
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**  
Giszelle Priscilla Branco Valdivino
- 26**      **O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO ENSINO  
FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE ESTRATÉGIAS LÚDICAS**  
Gigliola Mirna Bigaran Xavier

## A COMPREENSÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gigliola Mirna Bigaran Xavier<sup>1</sup>

**RESUMO:** O conceito sobre alfabetização vem mudando muito nas últimas décadas. Durante muito tempo, acreditava-se que uma pessoa estava alfabetizada quando sabia ler e escrever, assim, o principal objetivo desse artigo é analisar as dificuldades de aprendizagem e como elas interferem no desenvolvimento educacional da criança, bem como discutir o processo de alfabetização e os caminhos que levam ao processo de aprendizagem na prática de ensino. Diante deste cenário, destacamos que o questionamento norteador do trabalho é quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos do ensino fundamental na aprendizagem da leitura e da escrita? Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores procurando refletir sobre os aspectos inerentes às dificuldades de aprendizagem. Sendo assim, concluiu-se que o ato pedagógico para alunos com problemas de aprendizagem deve ser diversificado, bem planejado e executado de acordo com a situação que estamos lidando.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Dificuldade. Ensino

## UNDERSTANDING LEARNING DIFFICULTIES IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

**ABSTRACT:** The concept of literacy has changed a lot in recent decades. For a long time, it was believed that a person was literate when he could read and write, so the main objective of this article is to analyze the learning difficulties and how they interfere in the educational development of the child, as well as to discuss the literacy process and the paths that lead to the learning process in teaching practice. Given this scenario, we emphasize that the guiding question of the work is what are the difficulties faced by elementary school students in learning to read and write? For this, a bibliographical research was carried out considering the contributions of authors trying to reflect on the aspects inherent to learning difficulties. Therefore, it was concluded that the pedagogical act for students with learning problems must be diversified, well planned and executed according to the situation we are dealing with.

**Keywords:** Learning. Difficulty. Literacy.

---

<sup>1</sup> Graduação: Pedagogia / Psicopedagogia pela Faculdade Paulista São José (2014)

## INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização está diretamente relacionado à questão de saber ler e escrever, mas para aprender essas habilidades é necessário interagir com o mundo da leitura e da escrita, e sua aprendizagem inicial.

Isso já acontece na Educação Infantil e continua nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos espaços escolares e essa interação pode se dar em diferentes espaços do meio sociocultural da criança, porém, na alfabetização buscamos desenvolver práticas pedagógicas de forma mais sistemática para melhorar as habilidades de aprendizagem da criança em leitura e escrita.

A escola precisa mostrar que não é um espaço não intencional e deve destacar seu papel como instituição formadora de opinião, principalmente na formação dos alunos na reflexão crítica. E no processo de alfabetização, essa postura da escola já deve existir, pois nesta fase não estamos apenas ensinando a ler e escrever, mas também apresentando situações que estimulam o desenvolvimento da consciência crítica e política dos alunos.

Não há uma definição consistente sobre o que é exatamente uma dificuldade de aprendizagem, como e por que ela acontece. As dificuldades de aprendizagem são um grupo heterogêneo e difícil de definir, mas uma das manifestações mais visíveis das dificuldades de aprendizagem é o baixo desempenho, o que não indica necessariamente que uma criança tenha uma deficiência de aprendizagem.

Com isso, o principal objetivo desse artigo é analisar as dificuldades de aprendizagem e como elas interferem no desenvolvimento educacional da criança, bem como discutir o processo de alfabetização e os caminhos que levam ao processo de aprendizagem na prática de ensino.

Desse modo analisamos os desafios e as possibilidades que educadoras e educadores de

turmas do Ciclo de Alfabetização encontram para desenvolver sua prática de ensino-aprendizagem em sala de aula. Diante deste cenário, destacamos que o questionamento norteador do trabalho é quais são as dificuldades enfrentadas pelos alunos do ensino fundamental na aprendizagem da leitura e da escrita?

Assim, podemos supor que as dificuldades de aprendizagem só podem ser superadas adequadamente levando em consideração as dificuldades de ensino que acontecem no processo de ensino nas escolas. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica considerando as contribuições de autores procurando refletir sobre os aspectos inerentes às dificuldades de aprendizagem.

De modo geral, identificamos os desafios e possibilidades da prática de alfabetização por meio da instrução contextualizada, mas ressaltamos que esses desafios não podem ser superestimados, em detrimento de uma aprendizagem significativa e valorizadora, estruturando os sujeitos a partir da identidade de seus contextos.

## CONTEXTUALIZANDO ALFABETIZAÇÃO

O conceito sobre alfabetização vem mudando muito nas últimas décadas. Durante muito tempo, acreditava-se que uma pessoa estava alfabetizada quando sabia ler e escrever. Nesse sentido, sugere-se discutir a implementação de uma educação que convive com os diferentes contextos existentes no país, uma vez que o modelo educacional que vivenciamos desde a época colonial é uma educação universalista, segregada, elitista e apenas ideológica no aspecto em que todas as regiões do Brasil formam um único contexto.

A alfabetização é definida como aprender,

usando o alfabeto, ensinando os códigos da linguagem escrita, que é um processo ao longo da vida e é uma habilidade adquirida. Ela pressupõe códigos de aprendizagem e seus usos sociais, portanto, não é apenas um processo de aquisição mecanicista de habilidades, mas a alfabetização é um processo de compreensão, crítica, interpretação e geração de conhecimento.

SÁNCHEZ (2009, p. 22) acredita que a alfabetização inicial é um processo cognitivo que é o produto das interações das crianças com o material escrito e leitores adultos, começando nos primeiros anos de vida e terminando quando as crianças "compreendem" os fundamentos do nosso sistema de escrita alfabética.

Muitos autores consideram a alfabetização como uma forma de ensinar a ler, entretanto, tais conceitos estão se transformando aos poucos, atualmente, muitos educadores e alfabetizadores utilizam o termo "letramento" como uma compreensão da leitura e da escrita, a criança está alfabetizada, esse conceito de letramento não se trata apenas de saber ler e escrever, mas sim de saber usar a leitura e a escrita. Para ser considerada alfabetizada, portanto, a criança necessita transformar de alguma forma sua condição, incorporando a linguagem escrita em sua vida.

Segundo Ferreiro (2005, p.09) é complicado mencionar alfabetização evitando posturas que dominam este campo, de um lado o discurso oficial e, por outro lado um mero discurso da ideologia que a autora chama de "discurso de denúncia". O discurso oficial se concentra nas estatísticas, enquanto o outro lado despreza os números e tenta expor o "lado oculto" da alfabetização, o discurso oficial menciona o número de escolas abertas, e o discurso de reclamações enfatiza a péssima qualidade das construções ou dos locais imprevistos que necessitam do indispensável para que as atividades educativas adequadas sejam realizadas.

Para Soares (2000), essa origem do

conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectada considerando fontes como censo, mídia e produção acadêmica. Assim, as mudanças no conceito de alfabetização nos censos ao longo das décadas permitiram identificar uma expansão gradual desse conceito.

A compreensão da linguagem escrita passa primeiramente pela linguagem falada; contudo, o caminho é encurtado, reduzido e a linguagem falada como um elo intermediário desaparece. A linguagem escrita é caracterizada pelo simbolismo direto e é percebida da mesma forma que a linguagem falada.

Portanto, a linguagem escrita e a capacidade de leitura transformam o desenvolvimento cultural do ser humano, e através delas podemos compreender tudo o que os gênios da humanidade criarem no mundo da escrita.

## **AS DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

O conceito de dificuldade de aprendizagem é uma das mais difíceis para quem atua diretamente na educação, pois inclui os elementos cognitivos da dificuldade de aprendizagem na educação, bem como seus aspectos de desenvolvimento e comportamentais.

O termo dificuldade de aprendizagem suscita dúvidas entre professores. Há diferentes interpretações sobre esse fenômeno. É possível identificar que um estudante está com dificuldades de aprendizagem, quando ele exhibe insucesso para na leitura, na escrita, no cálculo ou no seu desempenho, além de em outras atividades escolares. É comum que professores interpretem as dificuldades de aprendizagem como uma resistência do aluno em aproveitar os conhecimentos transmitidos em sala de aula.

Nesse sentido, Zorzi (2004) chama a atenção para o fato de que conceito sobre dificuldade de aprendizagem é bastante mal interpretado pelos professores, em parte por causa de suas várias definições. Diz-se que um aluno tem dificuldades de aprendizagem quando não consegue ler, escrever, contar ou completar outras atividades escolares com sucesso, independentemente de ter um potencial de aprendizagem normal ou excepcional.

As dificuldades de aprendizagem podem ser interpretadas como obstáculos temporários que a criança pode transpor com o auxílio de estratégias adequadas oferecidas por seu professor. Já, o transtorno ou distúrbio de aprendizagem tem natureza neurobiológica. Contudo, a despeito de sua origem orgânica o distúrbio também requer intervenção pedagógica. A ação pedagógica intencional é o caminho para o enfrentamento de dificuldades e distúrbios de aprendizagem. Segundo estudos realizados por Zorzi (2004), muitas crianças apontadas como tendo dificuldades de aprendizagem não possuem atitudes e hábitos em relação à leitura.

Segundo Gadotti (2003), é comum que qualquer criança que passa pela alfabetização experimente dificuldades na aprendizagem, pois aprender exige atenção e vontade de aprender. Gadotti diz que aprender requer gostar de aprender, como ele pensa, deve ter prazer em estudar. Essa dificuldade sempre surge porque cada aluno possui necessidades específicas que devem ser atendidas e observadas. Essa necessidade pode ser física e psicológica, e pode até ser uma doença ou distúrbio adquirido ou genético.

As dificuldades na aprendizagem podem apresentar-se ao tentar reconhecer uma letra, um número ou ainda uma imagem, identificar a defasagem é o primeiro caminho para desenvolver atitudes que a resolvam. Assim, o professor precisa atentar-se a cada passo do aluno, sendo atento aos sinais de desenvolvimento, de dificuldade e de

facilidade em entender o que lhe é ensinado.

Para começar ações leitora e escritora é necessário conhecer o aluno, para isso é preciso observa-lo e descrevê-lo para si através da visão docente. Diante de tal reconhecimento o professor precisa articular fatores de adaptação curricular para cada criança sobre o seu tempo de aprendizagem. Segundo Gadotti (2003) o professor necessita compreender o aluno, e entender o fato de que ele precisa aprender sobre o mundo de forma cuidadosa e no seu próprio tempo.

Com isso, os professores estão considerando as diferenças que cada indivíduo apresenta com base em sua herança genética, e precisam dar um passo adiante para entender a relação dos alunos com o conhecimento estabelecido pelos humanos.

Essa visão do aluno que não aprende é muitas vezes vista pelo professor como o aluno que não sabe usar o conhecimento que transmite. Portanto, é de responsabilidade exclusiva do aluno que o problema de não estudar seja apontado.

No entanto, o professor precisa saber que é complicado para o aluno compreender essa relação entre o que está aprendendo e o legado humano. O aluno que não tem consciência dessa relação não verá sentido no que está aprendendo e não aprenderá, resistirá a aprender, ficará indiferente ao que o professor está ensinando. O aluno só aprende quando quer aprender, e só quer saber quando vê o significado de aprender. Ele não estuda porque é burro. Por outro lado, às vezes a evidência mais forte de inteligência é encontrada na recusa em aprender. (GADOTTI, 2003, p.47).

Nesse aspecto, a aprendizagem é significativa para o aluno, tornando-o menos rígido, mais flexível e menos obstruído, ou seja, ele se torna mais consciente de seus próprios sentimentos, interesses, limitações e necessidades. A alfabetização pode ser uma experiência difícil e aterrorizante para os alunos, e sem a dedicação e diligência dos professores em ensinar essa

experiência, pode ter consequências desastrosas na vida de um aluno.

## **CAMINHOS QUE FACILITAM A APRENDIZAGEM**

Somente ações que são delineadas para o nível de dificuldade de cada aluno podem levar a resultados seguros e ilesos que duram a vida toda. Tal comportamento deve estar presente na vida escolar todos os dias, a fim de implementar efetivamente o que é ensinado e aprendido.

Entre esses comportamentos está o amor pelo ensino e o amor pelo aluno. Gadotti (2003, p.21) relata que, quando questionados sobre o motivo da escolha dessa profissão, muitos professores respondem que é o gosto pela criança e esta é uma resposta correta e significativa, mas não é levada em consideração durante sua formação.

Diante dessa afirmação pode-se perceber que é necessário gostar do aluno, mas isso não é o suficiente. O amor pela a profissão é essencial, quando se faz aquilo que se gosta, é mais provável que o professor consiga se sair melhor nas suas práticas e nos seus resultados alcançados durante a sua desenvoltura de ensino.

Previsivelmente, os alunos precisam aprender a ler, compreender e interpretar palavras, textos e até imagens, o conhecimento acadêmico que orienta resultados legítimos e duradouros, pois aprender a ler e escrever precede o aprendizado de todo o resto. Desta forma, forma-se uma pessoa alfabetizada, não apenas alfabetizada, tudo acontece na sua devida realização no tempo.

Fatores como: tipo de métodos utilizados em sala de aula; currículo escolar oferecido aos alunos; falta de prática por parte de alguns professores; conteúdos e exercícios inadequados; problemas orgânicos; cognitivos; afetivos / emocionais; econômicos / sociais / culturais influenciam no processo de aprendizagem e levam às barreiras, primeiro com as crianças, as famílias e

depois as escolas.

Uma dessas ações é que o aluno se desenvolva de forma autônoma e natural e contínua, sem nenhum tipo de ação mecânica, ele apenas reproduzirá ao invés de produzir. Portanto, os alunos têm a liberdade de criar e acumular conhecimento em seu aprendizado diário, e precisam de liberdade e estímulo para aprender à sua maneira e em seu próprio tempo.

Dessa forma, é certo que o papel do professor no processo de ensino da leitura e da escrita deve ser voltado para ensinar e ajudar os alunos, mas, à medida que os resultados são apresentados, o professor deve manter distância dos alunos. Esse ensinamento leva, mesmo que não seja totalitário, a começar a observar e ajudar apenas quando for realmente necessário.

Permitir que os alunos criem suas próprias interpretações do mundo, permitindo que eles construam sua própria história, é extremamente relevante para o contexto educacional. Logo veremos que uma das ações para ajudar um aluno a se desenvolver é a ter autonomia, ajudá-lo a aprender, amar ensinar, fazê-lo entender o mundo e aprender com ele.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como a aprendizagem dos jogos pressupõe o papel ativo do sujeito, eles são úteis para detectar problemas emocionais, físicos, psicológicos e cognitivos. Dessa forma, o mundo do jogo torna-se um importante recurso para intervenções pedagógicas e psicopedagógicas, para que a mediação possa ser realizada para propor atividades de jogo que permitam aos sujeitos interagir, explorar, construir suas hipóteses e conceitos; selecionar atividades e materiais com base em objetivos, trabalhar para público para garantir o desenvolvimento e a construção do conhecimento necessário.

Notadamente, a abordagem lúdica integra

aspectos motores, cognitivos, emocionais e sociais e se baseia no pressuposto de que as crianças aprendem e organizam o mundo ao seu redor por meio de jogos e brincadeiras, absorvendo experiências e informações e, o mais importante, transferindo conceitos, atitudes e valores.

É preciso repensar a prática pedagógica da pedagogia lúdica no processo de construção do conhecimento de mundo, buscando a valorização das crianças e a formação da cidadania, e o jogo de papéis construtivo no brincar, desenvolvendo a iniciativa, imaginação, criatividade e interesse dos alunos.

Nesse contexto, os professores precisam se atualizar para proporcionar uma ação pedagógica, interdisciplinar, que promova uma experiência de ensino lúdica que considere as características lúdicas do movimento humano como fonte de alegria e prazer, nos ambientes escolares, principalmente no contexto do conhecimento e do processo de desenvolvimento da construção do saber.

É importante que pais e professores saibam como propiciar um ambiente certo para que as crianças se envolvam em atividades divertidas que as façam se sentir seguras e protegidas. As atividades em casa e no ambiente escolar são vitais para o desenvolvimento intelectual e social de uma criança, sabendo que a brincadeira livre faz das crianças seus próprios mentores que podem explorar seu ambiente por conta própria. Na orientação, a criança tem alguém para guiá-la em qualquer situação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**/Emília Ferreiro: Tradução Horácio Gonzáles (et. al.), 24. ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos, Brinquedos e a Educação** (Org.). São Paulo: Cortez, 2002.
- LUCKESI, C. C. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Ensaios 2: Coletânea Educação e Ludicidade. FAGED/UFBA. Salvador: GEPEL, 2002.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. (Org.). **O lúdico na formação de professores**. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SOARES, M. Alfabetização e ressignificação do conceito. Alfabetização e Cidadania: **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, [s. l.], n. 16, p. 10-11, jul. 2000.
- ZORZI, J.L. Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e escrita. **CEFAC**, 2004.

## AS DIFICULDADES DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Gigliola Mirna Bigaran Xavier

**RESUMO:** O presente trabalho aborda as dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino das crianças com necessidades educacionais especiais na questão da alfabetização, destacando os anseios e dificuldades desses professores na busca do Ensino-Aprendizagem. Para tanto, busca refletir sobre as principais dificuldades encontradas pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto de alfabetização das crianças com necessidades educacionais especiais. Assim, demanda respostas para a seguinte questão: Como os professores tem enfrentado as dificuldades no ensino das crianças com necessidades especiais? Contudo, para fundamentar este trabalho, utilizou-se uma pesquisa aplicada, de metodologia bibliográfica de caráter exploratória, com reflexão na leitura de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa. Conclui-se que, ao analisar os processos de ensino e aprendizagem de crianças com necessidades educativas especiais, parece que a educação deve ser de natureza ampla e complexa, propícia à construção ao longo da vida, e que cada aluno poderá aprender com o programa educacional, independentemente das dificuldades que encontram, se beneficiam, desde que tenham oportunidades adequadas para desenvolver seu potencial.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Necessidades Especiais. Dificuldades de Aprendizagem.

## THE LITERACY DIFFICULTIES OF CHILDREN WITH SPECIAL EDUCATIONAL NEEDS

**ABSTRACT:** The present work addresses the difficulties faced by teachers in teaching children with special educational needs in terms of literacy, highlighting the anxieties and difficulties of these teachers in their pursuit of Teaching-Learning. Therefore, it seeks to reflect on the main difficulties encountered by teachers in the early years of Elementary School in the context of literacy for children with special educational needs. Thus, it demands answers to the following question: How have teachers faced difficulties in teaching children with special needs? However, to substantiate this work, an applied research was used, with a bibliographical methodology of an exploratory nature, with reflection on the reading of books, articles, magazines and websites, as well as research of great authors referring to this theme in a qualitative way. It is concluded that, when analyzing the teaching and learning processes of children with special educational needs, it seems that education should be of a broad and complex nature, conducive to lifelong construction, and that each student will be able to learn with the educational program. , regardless of the difficulties they encounter, benefit as long as they have adequate opportunities to develop their potential.

**Keywords:** Literacy. Special needs. Learning difficulties.

---

<sup>1</sup> Graduação: Pedagogia / Psicopedagogia pela Faculdade Paulista São José (2014)

## INTRODUÇÃO

A admissão regular dessas crianças na escola é baseada na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008a), na Resolução CNE3/CEB4 No. 2 (BRASIL, 2008b), introduzindo diretrizes nacionais para Educação Especial, que fornece treinamento básico e diretrizes projetadas para garantir acesso e consistência das crianças com necessidades especiais, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades e superdotação na rede de ensino regular. A Resolução CNE/CEB 4/2009 (BRASIL, 2009) estabelece as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, além de outras.

Quando se observam diferenças de aprendizagem, cognitivas, atitudinais, etc. em alunos com deficiência, trata-se de um valor pejorativo, como se a não aprendizagem fosse uma característica inerente a uma pessoa com deficiência. Poucos questionam os ambientes de aprendizado que os educadores oferecem a seus alunos, ou mesmo as atividades que mostram as diversas habilidades e capacidades de cada indivíduo.

Essa situação nos deixa ver os desafios que a inclusão traz: significa uma mudança de paradigma na educação que não se esgota em orientações concretas para casos de deficiência, nem em atendimentos ou estudos clínicos, mas em diferentes apreciações, significa em ideias e expectativas para quebrar o "normal": padronizado, idealizado, abstrato, imaginário.

A partir desses dispositivos, as crianças com deficiência têm acesso garantido à rede regular de ensino, o que não implica em requisitos de aprendizagem necessariamente para adquirir a escrita e a leitura na fase de alfabetização. Esse

problema requer uma série de ações e decisões que vão além do acesso à escola. Infraestrutura, condições de trabalho e formação de professores e materiais didáticos são necessários. Estas condições são necessárias para a concretização de uma prática pedagógica eficaz, de modo a que todas as crianças aprendam a ler e a escrever durante os três primeiros anos do ensino básico, conforme exigências da legislação vigente.

Diante disso, o objetivo desse texto é descrever a importância da linguagem na relação com o outro e identificar os direitos legais para pessoas com autismo no contexto cognitivo, emocional e social, integrando-os na escola regular, dando mais relevância a integralidade com toda a escola. Na Educação Inclusiva, os alunos aprendem a lidar com as diferenças e tornam-se cidadãos solidários. Para tanto, busca refletir sobre as principais dificuldades encontradas pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto de alfabetização das crianças com necessidades educacionais especiais.

Assim, considerando que todas as crianças têm oportunidade de aprender, procuramos evidenciar que as crianças com deficiência são inseridas na sala de aula e quais as condições objetivas que lhes são proporcionadas nas aulas de alfabetização. Assim, demanda respostas para a seguinte questão: Como os professores tem enfrentado as dificuldades no ensino das crianças com necessidades especiais?

Por fim, para fundamentar este trabalho, utilizou-se uma pesquisa aplicada, de metodologia bibliográfica de caráter exploratória, com reflexão na leitura de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

## FUNDAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A reforma da política educacional brasileira nos últimos anos tem enfatizado a tarefa docente na perspectiva da educação inclusiva. Mantoan (2006) argumenta que é preciso considerar as diferenças naturais e sociais, pois o ensino que parte das diferenças é fundamental para uma verdadeira inclusão.

A educação, incluindo a Educação Especial, é pautada no princípio da equidade, reconhecendo as diferenças no processo educacional e a necessidade de condições diferenciadas nos ambientes educativos, e mais especificamente analisa o desenvolvimento de políticas públicas de educação que reconhecem as diferenças e precisam de novas condições na implementação desse processo.

As Diretrizes da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) apresentam o conceito de educação inclusiva na especificação do serviço. A missão dos serviços educacionais é identificar, desenvolver e organizar recursos instrucionais e acessíveis para remover barreiras ao desempenho geral do aluno, levando em consideração suas necessidades específicas.

Com relação ao Atendimento em Educação Especial (AEE), Batista (2006) afirma que ele surgiu de uma nova visão para a educação especial, foi mantido legalmente e foi uma das condições para o sucesso da inclusão de alunos com deficiência nas escolas. Este serviço existe para permitir que os alunos entendam como ele difere do currículo de educação geral e o que é necessário para que eles superem as barreiras apresentadas por suas deficiências. (BATISTA, 2006, p.17).

Ao proporcionar a cada criança atividades que promovam o seu desenvolvimento, garantimos que nós, como profissionais da área da educação,

estejamos todos os dias conscientes e envolvidos ativamente, não só politicamente, mas também concretamente.

Novos recursos e métodos de ensino, como tecnologia e materiais didáticos, estão proporcionando às pessoas com deficiência condições de se adaptarem à sociedade, superando pelo menos parcialmente suas dificuldades, e permitindo que vivam de forma mais ativa em suas comunidades. Neste ponto, uma mudança de paradigma pode ser identificada. "As pessoas deficientes podem se integrar à sociedade" torna-se a matriz filosófica, política e científica da Educação Especial.

Além das leis, é necessário transformar a cultura da escola. Como os autores consultados consistentemente apontaram, sem ação na formação de professores e educação de mudança de paradigma, a lei não será cumprida. A inclusão deve ser um desafio não apenas para os professores, mas para toda a instituição escolar e rede de ensino.

A Declaração de Salamanca de 1994 instituiu o direito das crianças com NE a obter, permanecer na escola e receber educação de qualidade; afirmou que o atendimento das necessidades especiais dessas crianças exigia a assistência de professores treinados.

Por fim, o documento afirma que as crianças devem sentir-se integradas no ambiente escolar, ou seja, todos têm o mesmo direito que qualquer outra pessoa a uma educação excepcional e a participar ativamente na educação nas escolas que promovam a integração social. Também conforme a Declaração de Salamanca, é essencial que a educação participe de políticas mais equitativas para todos, mais especificamente para crianças portadoras de NE.

## A ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM NEE

Alfabetizar requer muito mais do que ensinar a ler e a escrever decifrando os códigos alfabéticos, ampliando o poder do aluno em decodificar uma palavra escrita e um som de uma palavra escrita. A alfabetização requer habilidades motoras, psíquicas e sociais. Há competências que são específicas na alfabetização, precisa de uma estrutura, uma maneira segura de domínio e competências que são conhecidas e mapeadas para serem apreendidas.

De acordo com Colello (2013, p.32) recuperar a gênese da alfabetização significa admitir que a aprendizagem da língua escrita não se limita ao contexto da sala de aula, nem mesmo tem data certa para se iniciar o que necessariamente reconfigura os princípios e práticas de ensino.

Para tanto, segundo Lopes (2016, p.8), a alfabetização deve emergir desse conhecimento, mas não deve ser considerada mecanicamente como mero domínio do sistema da linguagem e sua decodificação, como ocorre atualmente.

Soares (1998, p.47), por sua vez, prega que a alfabetização inclui habilidades de escrita, o desenvolvimento de habilidades manuais, como caligrafia, e o processo de organização, redação e revisão de texto. Alfabetização e letramento são dois atos distintos, mas não indissociáveis, muito pelo contrário: o ideal é alfabetização letrada, ou seja: a leitura e a escrita ensinadas no contexto da prática social da leitura e da escrita para que os alunos estejam, ao mesmo tempo, alfabetizados e letrados.

Lopes (2016, p. 9) considera que a alfabetização, processo de construção de hipóteses sobre a função e as regras de geração dos sistemas de escrita alfabética, é extremamente complexa e exige procedimentos analíticos também complexos partindo do aprendiz.

O professor procura trabalhar com os alunos com formas diferentes todos os dias, busca estratégias e objetivos diversos para evitar o exagero de informações. A criança com TDAH, por exemplo, precisa ser incentivada a explorar os diferentes materiais sobre algum conteúdo ou assunto que será ensinado em sala de aula, antes que a aula aconteça, é necessário que haja conexão com as práticas em manusear, olhar, escutar, mover coisas, etc.

Dessa forma, relacionar atividades com questões, explorar o dia a dia com vários recursos, utilizando métodos visuais e estimulando a criatividade, a criação e a construção, pois, para que aconteça uma construção de conhecimento é preciso que o professor imponha regras e objetivos claros. Assim, o aluno se torna mais capaz de responder com mais autonomia. É essencial que haja a motivação no processo de aprendizagem com o objetivo de satisfazer suas necessidades e conseguir resolver seus conflitos quando acontecer. Se o professor utilizar inovações no desenvolvimento de suas aulas, o processo de aprendizagem pode durar a vida toda.

Emília Ferreiro (2009, p. 9), defende a utilização de uma única palavra “alfabetização” para generalizar os processos de aprendizagem e uso da leitura e da escrita. De acordo com sua concepção teórica, é incluídos contextos de uso da escrita que é o sujeito e se apropria do método de escrita alfabética.

Há diversas situações que levam os estudantes a refletirem sobre o processo de escrita durante a alfabetização, elevando ainda mais a interdisciplinaridade. Consequentemente, as deficiências podem ser uma barreira relativa ao sucesso do aluno inclusivo.

Nesse contexto, Mantoan e Prieto (2006, p.32) afirmam que o professor deve ser capaz de analisar as áreas de conhecimento atuais dos alunos, as diferentes necessidades no processo de aprendizagem e, a partir de pelo menos esses dois

referenciais, desenvolver atividades, criar ou adaptar materiais e prever formas de avaliar os alunos para que as informações retornem ao seu programa e melhora a compreensão do aluno.

Torna-se imprescindível que o conhecimento sobre o ensino das crianças com NEE não seja tratado apenas por especialistas, mas também por profissionais diretamente ligados a esse processo, como o educador que conhece e pode analisar os métodos de intervenção e avaliação necessários para as dificuldades de cada criança.

Para tanto, não basta refletir sobre a prática e sim buscar caminhos mais sólidos para colocar em prática esse trabalho. A chave para resolver tais problemas está em aprofundar como os alunos aprendem e como o processo de ensino orienta a aprendizagem. Na concepção de Lopes (2016, p.8) sabe-se que alfabetização e letramento são concepções diferentes, mas que devem ser desenvolvidas em conjunto para garantir um ensino de qualidade ao aluno.

Na visão de Colello (2012), ao ignorar a

## O CONTEXTO DE INCLUSÃO NA SALA DE AULA

Falar sobre inclusão escolar e o papel da Educação Especial torna-se necessário situar o nosso posicionamento a respeito do entendimento dos sujeitos envolvidos nesse contexto que foram qualificados em outros tempos como: excepcionais, deficientes e, na atualidade são classificados pela expressão: necessidades educacionais especiais.

Matiskei (2004, 192) compreende que as Leis que amparam a Educação Básica Nacional têm mostrado bastante preocupação com a questão da Educação Inclusiva nas escolas da rede pública de ensino com isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional define a Educação Especial como um modo de instrução e dedica um capítulo a ela (Capítulo V). Por sua vez, o Plano Nacional de

realidade dos alunos, subestimar os objetivos educacionais, menosprezar o próprio conteúdo da língua e artificializar os métodos de aprendizagem, as escolas se fecham à influência de novos conceitos para democratizar e ensinar com qualidade.

Sendo assim, sabe-se que diariamente em sala de aula existem outros fatores que também podem vir a influenciar na não efetivação do avanço e no desenvolvimento da aprendizagem com qualidade, como o número elevado de alunos matriculados na turma, a heterogeneidade que caracteriza as diferenças, fatores culturais e sociais, dentre outros. (LOPES, 2016, p.10).

Portanto, as ações desafiadoras fogem de um ensino automático, tornando a aprendizagem em condições reais e concretas, experiências significativas que realmente efetivará a aprendizagem. Nesse sentido o professor precisa ter o comprometimento no processo de ensino e aprendizagem, focando em ações que proporcione condições de avanço da criança.

Educação, após fazer um diagnóstico e propor diretrizes, identificou 28 metas e objetivos a serem alcançados nos dez anos de vigência do plano.

No entanto, questões permanecem em aberto a respeito da formação de professores para trabalharem com a Educação Especial. De fato, Saviani (2009) aponta que onde se pode considerar a especificidade desta formação é no curso de Pedagogia. No entanto, a Resolução CNE/CP 1 de 2006, que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, apenas aborda a questão da educação especial por alto e duas vezes.

Nessa perspectiva, Sanches e Teodoro (2006, p.69) destacam que a experiência conquistada a partir da integração escolar, e todos os seus reflexos na exclusão escolar de uma parcela significativa de seus alunos, ajudaram a

desencadear um movimento de inclusão voltado para a promoção do sucesso e pessoal e acadêmico de todos os indivíduos das escolas inclusivas.

Dessa forma, o aluno está na classe regular e tem um professor de educação especial que para ele faz um programa, para compensação das suas áreas deficitárias, e o desenvolve individualmente com o aluno, fora da sala de aula, onde se encontra a classe a que este aluno pertence.

No contexto da Educação Infantil e fundamental, conforme apontam Ferrari e Sekkel (2007), as mudanças necessárias para implementar um sistema educacional inclusivo foram amplamente discutidas.

Ao introduzir o conceito de Necessidades educativas especiais (NEE), o mesmo relatório propõe que sejam analisadas as dificuldades escolares das crianças não em função da sua etiologia, sob critérios médicos, mas sob critérios educativos, mais próximos das dificuldades escolares apresentadas. (SANCHES; TEODORO, 2006, p.67).

Com a mudança de concepção sinalizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, aponta-se um novo significado da Educação Especial, ampliando-se não apenas o seu escopo de atuação, como também o público-alvo a que se destina. (MATISKEI, 2004, p.192).

Para Ferrari e Sekkel (2007, p.642) é importante ressaltar, neste ponto, que estamos em um campo ainda em desenvolvimento, que contém diferentes posicionamentos sobre os trajetos que deverão ser percorridos na busca da educação inclusiva.

Assim, caracterizam-se as necessidades educacionais especiais, que estarão, por um lado, vinculadas às características de aprendizagem diferenciadas apresentadas por alguns alunos e, por outro, ao conjunto de recursos, apoio e serviços especializados tornados disponíveis pelos sistemas de ensino. (MATISKEI, 2004, p.192).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo foi possível refletir sobre dificuldades encontradas pelos professores do Ensino Fundamental no processo de alfabetização das crianças com necessidades educacionais especiais, visto que a escolha desse tema destacando os anseios e dificuldades desses professores na busca do Ensino-Aprendizagem.

Foi possível constatar que o objetivo principal aqui foi confirmado, uma vez que os autores deste estudo concordam com o fato que a postura assumida pelos educadores influencia no processo de ensino-aprendizagem da criança e o compromisso dos professores são essenciais na construção da escola inclusiva.

Assim, ao propormos a inclusão de crianças com deficiência no ensino fundamental, verificamos que se trata de um processo de ampliação da participação dos atores como transformação de cultura, prática e política feitas nas escolas. É também uma abordagem humanística e democrática que percebe o problema e suas peculiaridades, visando o crescimento da criança, a satisfação pessoal e a integração social.

Apesar das dificuldades decorrentes de um processo de ensino e aprendizagem centrado na criança, não se devem descuidar os benefícios que esta experiência pode trazer ao seu próprio desenvolvimento e aprendizagem, bem como ao desenvolvimento pessoal e profissional das demais crianças que convivem com ela, aprendendo a lidar com as diferenças.

Vimos também que do ponto de vista do avanço, quando o professor avalia a atividade diferenciada, percebemos o quanto a atividade natural, espontânea, beneficia o aluno, pois assim a criança pode exercer sua criatividade, essencial para a riqueza e variedade nas experiências que lhes são oferecidas. Diante disso a atividade diferenciada pode contribuir para melhorar o processo de aprendizagem da criança deficiente e

sua inclusão no ambiente escolar.

Para isso, a educação deve ser ampla, complexa e construída ao longo da vida, e todos os alunos, independentemente da dificuldade, podem se beneficiar de programas educacionais, desde que sejam oferecidas oportunidades que se adequem ao desenvolvimento da capacidade de cada uma.

No entanto, vimos neste artigo que não existe uma receita pronta para lidar com as crianças deficientes, mas começar a pensar em processos de interação entre as crianças, proporcionando espaços e momentos de interação, pode abrir alguns caminhos, pois as crianças que tiveram experiências de inclusão podem, talvez, passar a ser ótimos professores para reduzir desigualdades e construir uma sociedade inclusiva no futuro.

Apesar das dificuldades, a Educação Inclusiva é essencial para finalizar o processo histórico do segregacionismo. Ao promover o desenvolvimento cognitivo e promover o desenvolvimento socioemocional de jovens com deficiência, a implementação da Educação Inclusiva traz benefícios para todos.

Desta forma, é necessário, destacar o papel desempenhado pelo professor na tarefa de propiciar situações que permitam integrar harmoniosamente afetividade e conteúdo específicos, evidenciando a inseparabilidade desse processo.

Para isso, a educação deve ser de natureza ampla e complexa, conducente à construção ao longo da vida, e todos os alunos, independentemente das dificuldades, podem se

beneficiar de um programa educacional desde que tenham oportunidades adequadas para realizar seu potencial.

A diversidade na vida promove a socialização, a empatia e a sensação de auxílio aos alunos que não possuem deficiência. Por exemplo, para alunos com deficiência, a inclusão reduz o número de eventos comportamentais, além de beneficiar o progresso das habilidades linguísticas

No entanto, nossa sociedade ainda carece de mobilização contra as autoridades para fazer valer seus direitos. Ele é um dos responsáveis pelo fracasso escolar. Portanto, a ação coletiva e participativa pode construir cidadãos críticos, capazes e participantes da sociedade.

Assim, chegamos à conclusão que ao analisar o processo de ensino-aprendizagem de crianças com necessidades educativas especiais, analisamos que a educação deve ser de natureza ampla e complexa, privilegiando a construção ao longo da vida, e todos os alunos devem ser capazes, independentemente das dificuldades, de se beneficiar de oportunidades educacionais, desde que haja oportunidades suficientes para desenvolver seu potencial.

Por fim, este trabalho não tem a intenção de esgotar o assunto, mas apenas oferecer ao leitor, que pretende buscar esclarecimentos e com o intuito de ampliá-los, obter uma ideia das dificuldades enfrentadas pelos professores para oferecer uma educação de qualidade para os alunos em geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Batista, Cristina Abranches Mota. **Educação inclusiva**: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. [2. ed.] / Cristina Abranches Mota Batista, Maria Teresa Egler Mantoan. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. 68 p.: il.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. : Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições técnicas, 2000.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Especial**, MEC, 2008. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2008. Institui Diretrizes Nacionais

para a Educação Especial na Educação Básica, DF, 2008a.

BRASIL. **Parecer CNE/ nº 4/2008**. Define orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. DF, 2008b.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 22/2009**. Define diretrizes operacionais para a implantação do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, DF, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Política de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, Janeiro de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>  
Acesso em: 21 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca sobre princípio, política e práticas na área das necessidades educativas especiais**. MEC, 1994.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2012.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **Quando se inicia o processo de alfabetização?** International Studies on Law and Education 15 set-dez 2013.

FERRARI, Marian A. L. Dias; SEKKEL, Marie Claire. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2007, 27 (4), 636-647

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. 19. ed. São Paulo- SP: Editora Cortez, 2009.

LOPES, Terezinha Aparecida Martins. **Dificuldade de aprendizagem na alfabetização**. Universidade Federal do Paraná - Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Curitiba, 2016.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**: Rosângela Gavioli Prieto; Valéria Amorim Arantes, organizadora. – São Paulo: Aummus, 2006.

MATISKEI, Angelina Carmela Romão Mattar. Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas. **Educar**, Curitiba, n. 23, p. 185-202, 2004. Editora UFPR

SANCHES, Isabel Sanches; TEODORO, António. Da integração à inclusão escolar. Perspectivas e conceitos. **Revista Lusófona de Educação**. 8, 2006.

SAVIANI, Demerval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. TDAH. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/75661003/2/Historico-do-TDAH>. Acesso em 19/11/2022.

## A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COMO FERRAMENTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Giszelle Priscilla Branco Valdivino

**RESUMO:** A temática sobre a importância dos jogos como ferramenta de ensino na Educação Infantil tem se tornado muito relevante para o entendimento do desenvolvimento da criança nessa faixa etária, uma vez que é através da brincadeira e dos jogos que a criança começa a criar sua identidade investigando e construindo conhecimentos. Dessa forma, seu objetivo é compreender a representatividade da prática de jogos simbólicos e brincadeiras como ferramenta pedagógica na Educação Infantil, despertando o respeito pelas outras pessoas e também aprendendo a respeitar as regras. Objetiva também descrever os conceitos de jogos e brincadeiras como prática educacional, refletir sobre a concepção dos autores a respeito do jogo simbólico para as crianças, bem como analisar como os jogos e as brincadeiras refletem no desenvolvimento global infantil. Assim, a problemática desse artigo parte da seguinte questão: como os jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento da criança na relação com os objetos e com outras pessoas na Educação Infantil? Para tanto, para fundamentar este artigo utiliza-se da metodologia aplicada, de natureza bibliográfica e de caráter qualitativo, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas científicas, bem como outras fontes de pesquisa. Diante disso, conclui-se que através dos jogos, é possível que as crianças obtenham o desenvolvimento de cognição, interação social, criatividade, sensibilidade, inteligência e habilidades motoras e emocionais em diferentes estágios.

**Palavras-chave:** Jogos. Brincadeira. Desenvolvimento. Educação Infantil.

## THE IMPORTANCE OF GAMES AS A TEACHING TOOL IN CHILDHOOD EDUCATION

**ABSTRACT:** The theme about the importance of games as a teaching tool in Early Childhood Education has become very relevant to the understanding of child development in this age group, since it is through play and games that the child begins to create his identity by investigating and building knowledge. Thus, its goal is to understand the representativeness of the practice of symbolic games and play as a pedagogical tool in Kindergarten, awakening respect for other people and also learning to respect the rules. It also aims to describe the concepts of games and play as an educational practice, to reflect on the authors' conception of symbolic play for children, and to analyze how games and play reflect on children's overall development. Thus, the problematic of this article is based on the following question: how do games and play contribute to the development of the child's relationship with objects and other people in Early Childhood Education? In order to support this article, we used the applied methodology, of bibliographic nature and qualitative, based on the reflection of the reading of books, articles, and scientific journals, as well as other sources of research. Given this, it is concluded that through games, it is possible for children to obtain the development of cognition, social interaction, creativity, sensitivity, intelligence, and motor and emotional skills at different stages.

**Keywords:** Games. Play. Development. Early Childhood Education.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Sumaré (2011); Pós-graduada em Alfabetização pela Faculdade Conectada Faconnect (2020); Pós-graduada em PS pela Faculdade Conectada Faconnect (2020); Pós-graduada em Educação Especial – Deficiência Intelectual pela Faculdade de Santana de Parnaíba (2020); Pós-Graduada em Gestão e Organização Escolar pela Faculdade Conectada Faconnect (2021).

## INTRODUÇÃO

Uma criança é uma pessoa inteira cujas interações sociais e construções como ser são estabelecidas em tempo integral e permanentemente. Cuidar e educar conceituam-se em compreender que os espaços e tempo em que as crianças vivem requerem o esforço especial e a mediação dos adultos em prol de possibilitar um ambiente estimulante e que desperte a curiosidade da criança, tornando-a mais responsável.

O brincar e o jogo desenvolvem diferentes habilidades no desenvolvimento infantil, pois é a partir do brincar que a criança conhece o seu mundo, investigando e construindo conhecimentos. O lúdico torna a aprendizagem muito mais fácil, facilitando também o desenvolvimento pessoal, social e cultural. E é através dos jogos no brincar que a instituição escolar e o professor conseguem proporcionar uma situação de aprendizagem, possibilitando um ambiente que estimula a integração, o dinamismo e o enriquecimento prazeroso para a criança.

Diante desse cenário, o interesse em abordar o tema da importância dos jogos como ferramenta de ensino na Educação Infantil decorre do fato dele estar inserido no universo infantil e do interesse em entender melhor a importância do brincar e dos jogos no ensino infantil, uma vez que promovem a aprendizagem, adaptam-se ao brincar e possibilitam o desenvolvimento global da criança. Assim, a problemática desse artigo parte da seguinte questão: como os jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento da criança na relação com os objetos e com outras pessoas na Educação Infantil?

Dessa forma, seu objetivo é compreender a representatividade da prática de jogos simbólicos e brincadeiras como ferramenta pedagógica na Educação Infantil, despertando o respeito pelas outras pessoas e também aprendendo a respeitar as regras. Objetiva também descrever os conceitos de

jogos e brincadeiras como prática educacional, refletir sobre a concepção dos autores a respeito do jogo simbólico para as crianças, bem como analisar como os jogos e as brincadeiras refletem no desenvolvimento global infantil.

Para tanto, acredita-se que, através dos jogos, é possível que as crianças obtenham o desenvolvimento de cognição, interação social, criatividade, sensibilidade, inteligência e habilidades motoras e emocionais em diferentes estágios. Acredita-se também que a existência da brincadeira, aparentemente simples, sendo fonte de estímulo para o desenvolvimento infantil pode auxiliar no processo de aprendizagem.

Para tanto, utiliza-se da metodologia aplicada, de natureza bibliográfica e de caráter qualitativo, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas científicas, bem como outras fontes de pesquisa.

Essa fundamentação teórica aborda primeiramente a conceituação do jogo na Educação Infantil. Em seguida, discorre sobre o jogo simbólico na concepção de Jean Piaget e Vigotsky. Dando continuidade a essa fundamentação, discorre sobre o jogo simbólico como ferramenta pedagógica e sobre a prática do brincar no trabalho docente. E, por fim, as Considerações Finais, onde retoma as questões e objetivos do trabalho, apresenta um resumo das principais contribuições da pesquisa e mostra as recomendações para novos estudos.

## CONCEITUAÇÃO DO JOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

De acordo com Kishimoto (2002, p.139), brincar é uma atividade que a criança realiza desde o nascimento no ambiente doméstico. Ela implica a representação de um objeto por outro, por exemplo, ela utiliza um lençol simbolizando uma casa, uma vassoura se transforma em cavalo, e a criança passa a ser uma princesa ou príncipe das

histórias contadas.

Para o desenvolvimento infantil o jogo é muito importante como atividade que contribui para mudanças na relação da criança com objetos e outras pessoas, pois por meio da brincadeira ela expressa seus pensamentos, ideias, conflitos e sentimentos, e mostra-se um pouco de si mesma sobre o mundo que a cerca.

Assim, Santos apud Serapião (1998) afirma que as atividades com jogos podem facilitar significativamente o processo de construção do conhecimento das crianças. Vários estudos nesta área comprovam que o brincar é uma fonte de alegria e descoberta para as crianças. Desse ponto de vista, os jogos contribuem muito para a postura docente durante o desenvolvimento de qualquer aula.

Considera-se também a importância dos jogos nos espaços educativos, pois desempenham um papel vital no desenvolvimento do comportamento infantil, pois cria uma situação imaginada, bem como fatos e valores do dia a dia que podem ser negligenciados na vida de uma criança, que se tornam as regras de conduta no jogo.

O brincar através dos jogos dá à criança a oportunidade de imitar o que sabe e construir algo novo, pois reconstrói os cenários necessários para que suas fantasias se aproximem ou se afastem da realidade da vida, assumindo papéis e trocando objetos por meio de seus personagens.

É durante os jogos e a brincadeira que a criança transforma o conhecimento prévio em conceito geral, que se transforma em objeto de jogo. Vygotsky (1998) afirma que os sujeitos são constituídos em relação aos outros por meio de atividades tipicamente humanas mediadas por ferramentas tecnológicas e simbólicas.

Por fim, o jogo como grande motivador é o impulso natural da criança para funcionar, e é por meio dele que a pessoa sente alegria no esforço voluntário e espontâneo idealizado para alcançar

um objetivo. O jogo em si estimula a ordem do pensamento, do tempo e do espaço, integra as dimensões da personalidade social, emocional, cognitiva e motora e, além disso, mobiliza o planejamento da mente.

## **O JOGO SIMBÓLICO NA CONCEPÇÃO DE JEAN PIAGET E VIGOTSKY**

Os teóricos Piaget e Vigotsky foram muito importantes para a compreensão do jogo no desenvolvimento infantil. Portanto, é necessário que o professor leia, analise e reflita sobre as teorias mais usualmente aceitas e não incida no “achismo” do sendo comum, que pode levá-lo a uma interpretação errônea.

Para Piaget, o jogo se organiza como expressão e condição do desenvolvimento infantil, pois, ao brincar, a criança assimila a realidade e pode modificá-la. Nesta teoria, os jogos são organizados de acordo com o seu desenvolvimento em três estruturas principais "que caracterizam os jogos infantis e dominam a classificação do debate: o símbolo, o exercício e a regra" (Piaget, 1978) que distinguem o desenvolvimento da criança por meio da brincadeira de acordo com cada fase de seu desenvolvimento.

A primeira fase é a sensório motor, que vai a partir do nascimento até a idade de dois anos, etapa na qual a criança brinca sozinha, pratica o brincar, sem o uso de regras. A segunda fase é o pré-operatório, dos dois aos sete anos, aproximadamente, no qual o jogo incide na representação de um objeto ausente, simbólico. E na última fase, operatório-concreto, dos sete aos onze anos, na qual as regras dos jogos são e podem jogar em grupos. (PIAGET, 1978).

O símbolo não é mais que uma maneira de aditar o real aos desejos e interesses da criança, conforme relata Piaget apud Kishimoto (1999,

p.59), a criança, ao brincar, absorve o mundo à sua maneira, não há um compromisso com a realidade, pois a interação com um objeto não depende de suas propriedades, mas depende de qual função a criança é atribuída a ela. Esta ação é o que o Piaget denomina como jogo simbólico, que posteriormente evolui para o jogo socio-dramático no qual a criança representa papéis.

Os teóricos Piaget e Vigotsky foram muito importantes para a compreensão do jogo no desenvolvimento infantil. Portanto, é necessário que o professor leia, analise e reflita sobre as teorias mais usualmente aceitas e não incida no “achismo” do sendo comum, que pode leva-lo a uma interpretação errônea.

Para Piaget, o jogo se organiza como expressão e condição do desenvolvimento infantil, pois, ao brincar, a criança assimila a realidade e pode modificá-la. Nesta teoria, os jogos são organizados de acordo com o seu desenvolvimento em três estruturas principais que, de acordo com Piaget (1978), caracterizam os jogos infantis e controlam a classificação do debate, como o símbolo, o exercício e a regra, que distinguem o desenvolvimento da criança por meio da brincadeira de acordo com cada fase de seu desenvolvimento.

A primeira fase é a sensório motor, que vai a partir do nascimento até a idade de dois anos, etapa na qual a criança brinca sozinha, pratica o brincar, sem o uso de regras. A segunda fase é o pré-operatório, dos dois aos sete anos, aproximadamente, no qual o jogo incide na representação de um objeto ausente, simbólico. E na última fase, operatório-concreto, dos sete aos onze anos, na qual as regras dos jogos são e podem jogar em grupos. (PIAGET, 1978).

O símbolo não é mais que uma maneira de aditar o real aos desejos e interesses da criança, conforme relata Piaget apud Kishimoto (1999, p.59), a criança, ao brincar, absorve o mundo à sua maneira, não há um compromisso com a realidade,

pois a interação com um objeto não depende de suas propriedades, mas depende de qual função a criança é atribuída a ela. Esta ação é o que o Piaget denomina como jogo simbólico, que posteriormente evolui para o jogo socio-dramático no qual a criança representa papéis.

Na visão de Vygotsky (1998, p.122), se na fase pré-escolar começam os desejos insatisfeitos ou esquecidos, e a tendência à satisfação imediata desses desejos ainda é característica da fase anterior, o comportamento da criança muda. Para liberar essa tensão, a criança entra em um mundo imaginário onde desejos não realizados podem ser realizados, um mundo que chamamos de brincadeira.

As necessidades que a brincadeira satisfaz variam de acordo com a faixa etária da criança, Vygotsky (1998, p. 122) explica que o que é mais interessante para os bebês já não é mais interessante para as crianças maiores. Para tanto, o amadurecimento dessas necessidades é importante para que vejamos o jogo como uma atividade distinta. Para Vygotsky, na brincadeira, a criança vê os objetos não como realmente são, mas como ela quer que sejam, ao contrário do que acontece na aprendizagem formal.

Além de permitir uma situação imaginária, o brinquedo também permite regras criadas pelas próprias crianças. Como afirma Vigotsky (1998, p.124), sempre que há uma situação imaginária na brincadeira, existem regras, não regras previamente feitas que mudam durante a brincadeira, mas aquelas originadas na própria situação imaginária, na qual a criança pode se comportar. A noção de situações imaginárias sem regras é simplesmente incorreto. Se a criança desempenha o papel de mãe, então está obedecendo às regras de comportamento materno. O papel que uma criança desempenha e sua relação com um objeto (se o significado do objeto mudar) sempre derivam de regras.

Conforme afirmações de Vygotsky (1998), ao grau que a criança vai se desenvolvendo, há

uma modificação: primeiro prevalece a situação e as regras estão ocultas, na medida que ela vai crescendo há uma inversão, as regras predominam e a situação imaginária fica oculta. Assim, Vigotsky acredita que o brincar nasce da situação imaginária criada pela criança, em tornar reais desejos irrealizáveis, e cria uma nova relação entre a situação do pensamento e a situação real.

## O JOGO SIMBÓLICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

As pesquisas realizadas sobre o desenvolvimento humano mostram que a infância é a fase em que acontecem as transformações e descobertas mais importantes, também asseguram que a criança é um sujeito ativo do seu desenvolvimento. Entende-se que o brincar é aspecto próprio da criança e, portanto, fundamental para a construção da identidade e autonomia, através dos jogos e brincadeiras a criança atua, lida com a realidade que a cerca, ou seja, a brincadeira propicia interagir e explorar o mundo.

São Paulo (2007, p.23) estabelece que a criança, desde o nascimento, interage com parceiros diversos que lhe ajudam a significar o mundo e a si mesma, realiza um número crescente de diferentes aprendizagens e constitui-se como um ser histórico singular.

O jogo simbólico é uma atividade em que a criança constrói o significado pelo ato de se expressar, quando brinca ela mostra o que já sabe, como entende, como visualiza situações do cotidiano e do grupo ao qual está inserida. Também é por meio de jogos e brincadeiras que a criança descobre a estrutura do meio em que vive e as formas de interação, desenvolvendo habilidades afetiva, social, motora, cognitiva e linguística, ou seja, constrói seu conhecimento.

Ao brincar, as crianças podem reconstruir elementos do mundo que as cerca com novos significados imediatamente perceptíveis e materiais

para atribuir-lhes novas significações, imprimir-lhes suas ideias e os conhecimentos que têm sobre si mesmas, sobre as outras pessoas, sobre o mundo adulto, sobre lugares distantes e/ou conhecidos. (BRASIL, 1998, p.171).

Nesse sentido, o jogo simbólico é uma ferramenta de grande importância no desenvolvimento do conhecimento infantil, promove situações de aprendizagem e o desenvolvimento infantil, entende-se que esse conhecimento possa ser potencializado por meio da diversidade e qualidade de experiências por ela vivenciada. Assim, oferecer atividades simbólicas próprias do período de desenvolvimento é possibilitar o conhecimento de uma forma prazerosa e significativa.

O processo de aprendizagem da Educação Infantil pode ser significativo e enriquecido pela ação do jogo simbólico, atividade em que a criança percebe e interpreta o mundo a partir das relações que estabelece consigo mesma, com as outras pessoas, com a imaginação e com a cultura.

Em suma, o professor atua como mediador no processo de ensino-aprendizagem da criança, conhece as referências teóricas, planeja e organiza o processo educativo por meio de brincadeiras com fins pedagógicos, criando situações que estimulem e possibilitem que as crianças expressem sentimentos, sensações e que ampliem seus conhecimentos.

São Paulo (2007, p59) afirma que o importante é o professor compor um conjunto de atividades lúdicas que promovam as culturas infantis e a construção pelas crianças de um olhar diferenciado para o mundo, de uma atitude solidária e ética na relação com companheiros e de um olhar confiante em suas possibilidades de continuar aprendendo e se desenvolvendo.

Observa-se que os referenciais teóricos apontam uma série de conceitos importantes que se referem ao desenvolvimento e a socialização da criança por meio do jogo simbólico, quando o

professor utiliza o mesmo como ferramenta pedagógica está enriquecendo e visando o pleno desenvolvimento.

## **A PRÁTICA DO BRINCAR NO TRABALHO DOCENTE**

A Educação Infantil passou a ter um conceito de educar e cuidar, respeitando a criança como um todo, a atuação do professor neste processo é muito importante, pois é a partir da interação do mesmo, observando, respeitando e conhecendo as brincadeiras que ele pode proporcionar novos conhecimentos.

O professor pode propor um ambiente aconchegante, estimulante, colorido e prazeroso, proporcionando situações diversas de exploração, podendo envolver momento coletivo, trabalhos diversificados e o momento de cada criança.

Sendo assim, “Quem joga pode chegar ao conhecimento, pelas características do jogo, pelos exercícios, símbolos e regras” (MACEDO, 1995, p.6). Conhecer as categorias dos jogos e suas características possibilita ao professor fazer uma melhor utilização desse instrumento, enquanto recurso pedagógico.

Por isso, entender as categorias dos jogos e suas contribuições para a aprendizagem possibilita ao professor identificar as necessidades educacionais de seus alunos e, assim, poder planejar suas atividades, selecionando os jogos de acordo com o tema e conhecimento que se pretende trabalhar.

Segundo Macedo, Petty, Passos (2005, p. 105), os jogos não são apenas a aplicação de regras. A perspectiva do jogo que desenvolvemos preocupa-se com possíveis significações e apropriações de estruturas temáticas. Assim, é importante não apenas jogar, mas refletir sobre as consequências do comportamento de jogar, para que os jogos possam ser utilizados como recurso didático para que as pessoas adquiram conceitos e

valores básicos para a aprendizagem.

O lúdico sempre esteve presente na Educação Infantil, e foi ao longo dos anos valorizado e respeitado, cabendo ao professor proporcionar momentos e condições necessárias para auxiliar no desenvolvimento da criança, utilizando o brincar, de forma significativa, ampliando o repertório das brincadeiras, deixando acessíveis fantasias e objetos para incentivar e possibilitar recursos diversos que auxiliem a criança no ato de brincar.

Brincar é fundamental para as crianças se desenvolverem, pois elas podem transformar e gerar novos significados, o que exige que os professores interajam com as crianças, estimulando à participação e a imaginação, valorizando pequenas e grandes atitudes e gestos, respeitando a realidade de cada criança e seu tempo, ajudando a resolver situações de conflitos, tendo um olhar voltado à criança, seus sentimentos, suas dificuldades, superações, seus anseios, ser um mediador no ato do brincar e no processo de desenvolvimento, utilizando estratégias comportamentais que facilitem a melhor aceitação e desenvolvimento das crianças em ambientes educacionais e na vida cotidiana.

Na visão de Macedo, Petty e Passos (2005, p. 7) “[...] ao jogar, uma criança dá muitas informações e comunica através da ação, sua forma de pensar”. Observa-se que os jogos não podem ser utilizados apenas como entretenimento ou jogos que consomem energia, mas como recursos para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional, social e moral.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - RCNEI (Brasil, 1998) mostram que o professor da Educação Infantil, contribui na estruturação do campo das brincadeiras durante a vida na infância. Conforme especificado nos RCNEI (Brasil, 1998, p.30), os professores são, portanto, os parceiros mais experientes, os mais eminentes, cuja função é

proporcionar e garantir um ambiente enriquecedor, agradável, saudável e não discriminatório para as mais diversas experiências educativas e sociais.

Portanto, o ato de brincar deve estar presente em todos os momentos da infância, porque a união do brincar com os brinquedos, juntamente com as ações aplicadas sobre eles, ao meio em que está inserido, e à comunicação, favorece a criação e a descoberta que permitem a criança, assimilar e se apropriar das diversas realidades, transformando da realidade infantil para realidade humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a confecção deste trabalho foi possível constatar que introduzir os jogos nas atividades da Educação Infantil, permite que as crianças interajam com os demais colegas e professores, assim como com os jogos, participantes da importância do aperfeiçoamento de suas aprendizagens, capacidades e potencialidades, proporcionando ao professor, compreender as questões cognitivas, intelectuais, físicas e sociais da criança.

Também constatou-se que, através dos jogos, é possível que as crianças obtenham o desenvolvimento de cognição, interação social, criatividade, sensibilidade, inteligência e habilidades motoras e emocionais em diferentes estágios. E que a existência da brincadeira, aparentemente simples, sendo fonte de estímulo para o desenvolvimento infantil pode auxiliar no processo de aprendizagem.

Foi possível observar neste artigo que referenciais teóricos apontam uma série de conceitos importantes que se referem ao desenvolvimento e a socialização da criança por meio do jogo simbólico, quando o professor utiliza o mesmo como ferramenta pedagógica está enriquecendo e visando o pleno desenvolvimento.

Em conclusão, são apresentadas ideias-

chave sobre os diferentes papéis desempenhados pelos jogos no trabalho docente, com o objetivo de estimular a reflexão entre os profissionais de ensino sobre o uso de atividades lúdicas na aprendizagem.

Para tanto, uma brincadeira utilizada como recurso didático não deve ser separada das travessuras que a compõem, sob pena de perder sua identidade. A vida escolar, regida por uma era de normas e certezas, já favorece esse processo de deturpação, fazendo dos jogos na escola uma forma de brincar diferente daqueles em outros ambientes.

Portanto, é importante que os professores continuem a expandir seus conhecimentos sobre jogos e usem técnicas de jogos com mais frequência para permitir que os alunos se desenvolvam de forma holística.

Finalizando, buscamos com este estudo aprofundar nossos conhecimentos sobre a importância dos jogos como ferramenta de ensino na Educação Infantil, considerando o desenvolvimento integral da criança e os benefícios que proporcionam. Obtivemos um resultado satisfatório na busca pelo seu reconhecimento, somado ao desafio do estudo, pois além de acrescentar um grande aprendizado sobre o tema abordado, proporcionou uma superação pessoal enquanto educadora da Educação infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos, Brinquedos e a Educação** (Org.). São Paulo: Cortez, 1999, 2002.

MACEDO, Lino de. Os jogos e sua importância na escola. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, n. 93, maio

1995.

MACEDO, I; PETTY, A, L, S; PASSOS, N, C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIAGET, J. (1978). **A formação do símbolo na criança**: imitação jogo e sonho, imagem e

representação. Rio de Janeiro: Zahar.

SANTOS, Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

## O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL ATRAVÉS DE ESTRATÉGIAS LÚDICAS

Gigliola Mirna Bigaran Xavier

**RESUMO:** O brincar para as crianças é mais do que diversão, é algo que viaja pela realidade e combina com imaginação, sonhos, desperta a vontade de descobrir, é importante que os educadores saibam torná-lo o mais sintonizado com as ferramentas que usa. Esse texto tem como objetivo abordar o processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental, buscando analisar estratégias lúdicas como recurso de intervenção para superar as dificuldades apresentadas pelos alunos durante sua aprendizagem. Para tanto, esse artigo questiona como as estratégias lúdicas podem favorecer na aprendizagem do aluno que está sempre envolvido em conflitos na escola? Para tanto, utiliza-se uma pesquisa bibliográfica aplicada e fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa. Dessa forma, conclui-se que o método lúdico pode auxiliar de forma significativa para o desenvolvimento da criança, ajudando-o a aprender, fomentando o desenvolvimento da criatividade e formando um ser crítico capaz de realizar suas próprias ações.

**Palavras-chave:** Brincar. Lúdico. Ensino. Aprendizagem.

## THE TEACHING AND LEARNING PROCESS IN ELEMENTARY SCHOOL THROUGH PLAYFUL STRATEGIES

**ABSTRACT:** Play for children is more than just fun, it is something that travels through reality and combines with imagination, dreams, awakens the desire to discover, it is important that educators know how to make it the most in tune with the tools it uses. This text aims to address the process of teaching and learning in elementary school, seeking to analyze playful strategies as an intervention resource to overcome the difficulties presented by students during their learning. To this end, it uses a bibliographic research applied and based on the reflection of the reading of books, articles, and magazines, also based on the research of great authors regarding this theme in a qualitative way. Thus, it is concluded that the playful method can significantly assist in the development of the child, helping him/her to learn, fostering the development of creativity, and forming a critical being capable of performing his/her own actions.

**Keywords:** Play. Ludic. Teaching. Learning.

---

<sup>1</sup> Graduação: Pedagogia / Psicopedagogia pela Faculdade Paulista São José (2014)

## INTRODUÇÃO

A ludicidade é muito utilizada atualmente por toda a sociedade, principalmente na área da educação, entretanto, nem sempre foi assim, em meados do século XVI o lúdico não era valorizado em atividades infantis, na verdade as crianças não eram vistas como crianças, mas sim como adultas. No século XVII, na era medieval, não se conhecia a infância, Áries (1978) relata que as crianças não tinham identidade própria, elas viviam como adultos da época.

No catolicismo, as atividades lúdicas eram consideradas inúteis e tendenciosas. Também durante a Revolução Industrial, o jogo era visto como ocioso, medíocre e até porque não havia tempo para jogar, porque o trabalho era interminável e, para as pessoas daquela época, as atividades lúdicas eram a fonte do pecado e da perda da salvação.

No entanto, desde a antiguidade, os educadores se engajaram em atividades lúdicas, mas apenas como recreação, pois não viam os brinquedos como objetos de educação. Na Grécia, essas atividades eram utilizadas pelos filósofos gregos para auxiliar seus aprendizes em suas atividades do dia a dia.

Houve uma grande mudança no processo de ensino ao longo dos anos, em relação aos métodos utilizados pelos professores, que encontraram um caminho para buscar melhorar sua prática docente e para isso passaram a utilizar as atividades lúdicas como metodologia porque os brinquedos são a essência da criança e o suporte para a vida é visto em jogos e brinquedos, por isso, o sujeito do estudo não pode ver seu mundo sem mencionar, e essas atividades também são utilizadas pelos adultos para brincar.

As atividades lúdicas utilizadas como ferramentas de ensino podem facilitar o processo de desenvolvimento da criança, por isso têm sido objeto de estudo por diversos estudiosos e

pesquisadores que veem nas atividades uma forma de dinamizar o ensino, proporcionando meios para que as salas de aula dinâmicas, criativas e mais animadas.

Diante disso, esse texto tem como objetivo abordar o processo de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental, buscando analisar estratégias lúdicas como recurso de intervenção para superar as dificuldades apresentadas pelos alunos durante sua aprendizagem, além disso, pretende demonstrar a importância do brincar para o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos, e refletir sobre o lúdico como forma de absorção do conhecimento, resolução de conflitos e forma de intervenção nas dificuldades de aprendizagem escolar, bem como compreender que as atividades lúdicas proporcionam à criança desenvolvimento pessoal e cognitivo; além de muitos momentos prazerosos.

Para tanto, esse artigo questiona como as estratégias lúdicas podem favorecer na aprendizagem do aluno que está sempre envolvido em conflitos na escola? Assim, acredita-se que o método lúdico pode auxiliar de forma significativa para o desenvolvimento da criança, ajudando-o a aprender, fomentando o desenvolvimento da criatividade e formando um ser crítico capaz de realizar suas próprias ações.

Diante disso, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica aplicada e fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

Sendo assim, esta pesquisa ajudará a elucidar que, por meio do brincar, pode-se construir conhecimento e desenvolver aspectos cognitivos, motores, psicológicos e sociais de crianças e adolescentes. Eliminar as dúvidas existentes sobre a eficácia deste recurso educativo e permitir aos educadores descobrir a verdadeira importância do brincar na criação de conhecimento para as crianças no processo de aprendizagem.

## DEFINIÇÕES DE LÚDICO

O lúdico é uma ferramenta importante na educação, em termos da criatividade que cada criança mostra ao brincar, o lúdico proporciona ao aluno satisfação, prazer, e o ajuda a desenvolver seu eu interior, lembrar de fatos, em testes cognitivos. Além disso, é vital para a saúde física e mental, tanto na sociedade quanto na família.

O lúdico é um exercício que treina habilidades psicomotoras por meio das quais ocorre o aprendizado. Dessa forma, a ludicidade deve ser compreendida como meio essencial da prática docente e, portanto, deve ser pautada no plano de ensino do educador, uma atividade voltada para o brincar, pois este representa a natureza formativa da aprendizagem infantil.

Diante dessa definição, acredita-se que o jogo é uma atividade de livre escolha e pode ser usado tanto por adultos quanto por crianças, mas sujeito às regras, as crianças jogam jogos infantis, os adultos jogam jogos atribuídos à adultos que são ao mesmo tempo uma fuga temporária da realidade não podendo usá-los de forma inadequada ou apostas.

Na educação, as atividades lúdicas simplificam o processo de ensino/aprendizagem, independentemente de quem as aplica, e neste caso os educadores devem ser os mediadores dessa inclusão de forma adequada.

Nesse sentido, Kishimoto (2008) defende a ideia do brincar em ação, de que o brincar deixa de ser uma atividade da criança e passa a ser um tema digno e sério de fazer parte de um recurso didático. Nesse ponto a escola entra como um bojo, como um alicerce para o brincar, de modo que não seja apenas o brincar em ação, mas um guia para a transformação do comportamento lúdico.

As atividades lúdicas auxiliam na motricidade da criança, através do brincar, a criança consegue conviver com os outros e a se orientar no mundo, a criança se exercita,

desenvolve seus aspectos emocionais e afetivos, e algumas áreas do domínio cognitivo.

Essa atividade promove o aprendizado, tanto dentro quanto fora da escola, enquanto as crianças brincam, de uma forma prazerosa, o que antes era difícil, e proporciona um ambiente agradável para os educadores, pois as crianças começam a gostar de usar o método e acabam com os tumultos inconsequentes na sala de aula.

Para tanto, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) afirma brevemente que o desenvolvimento da criança se dá por meio do brincar. A partir disso, visto que muitos educadores nem sabem o que significa a palavra brincar, assim, os PCN's demonstram a importância do brincar quando aborda que a criança evolui a partir dos jogos.

Se os profissionais soubessem a finalidade do brincar, usariam mais esse método, pois segundo Neves (2002), as crianças e até os jovens se opõem à resistência à escola e aos métodos de ensino por não ser divertido ou agradável.

Por isso, mesmo o Plano Curricular Nacional (1998) sobre educação infantil afirma brevemente que o desenvolvimento da criança se dá por meio do brincar. Então, como muitos educadores nem sabem o que significa a palavra brincar, se os PCN comprovam a importância do brincar na abordagem das crianças que se desenvolvem a partir do brincar.

No entanto, muitos professores sequer têm conhecimento a respeito de ludicidade e estão estagnados na pedagogia da reprodução do conhecimento, mas muitos professores buscam nas atividades lúdicas os subsídios necessários para alcançar a melhor prática pedagógica.

No que concerne ao tempo lúdico das atividades, a criança pode explorar todas as áreas da sala de atividades, o que lhe permite ir realizando diversos jogos, como o de faz-de-conta e a dramatização. As crianças realizam essas atividades de forma autônoma, utilizando

ferramentas e processos, e linguagem adequada para cada área de conhecimento.

Em relação ao tempo de brincadeira para a atividade, a criança pode explorar as várias áreas da sala de atividades e deixá-la jogar diferentes brincadeiras como faz de conta e dramatiza. As crianças realizam essas atividades de forma autônoma, utilizando ferramentas e processos, e linguagem adequada para cada área de conhecimento.

## **A IMPORTÂNCIA DE BRINCAR EM LUGARES ABERTOS**

É importante que as escolas e instituições que trabalham com crianças na Educação Infantil coloquem em prática atividades lúdicas, não apenas como forma de recreação, mas como modelo educacional. Pois, além do brincar, o lúdico tornou-se um método para os professores utilizarem em sua metodologia na sala de aula proporcionando um melhor aprendizado aos alunos.

No entanto, Vale (2013) aponta para o foco crescente em crianças que raramente brincam ao ar livre, constatando que a educação infantil está cada vez mais confinada a espaços fechados ou espaços muitas vezes supervisionados por adultos. Quando esse tipo de vigilância ocorre, equivale a provar que a criança não pode se desenvolver de forma independente, não pode pensar de forma independente, não pode ser autônoma. Isso deve mudar e as crianças devem ser expostas a ambientes motivadores, dinâmicos e estimulantes para suas brincadeiras.

Segundo Vale (2013) é através dessas brincadeiras, no ambiente externo, que a criança conquista novos territórios e encontra respostas para dúvidas. Se esses jogos não existirem, o desenvolvimento da criança sofre porque não há aprendizado. Quando a criança não lida com diferentes situações e alguns perigos, ela não

consegue defesas, então ela mesma descobre a resposta para que nada aconteça com ela.

Vale (2013) aponta que hoje há um foco excessivo nos brinquedos e nos jogos que as crianças brincam, e elas se preocupam muito com espaços seguros e menos estimulantes, onde as crianças não sejam expostas a nenhum tipo de perigo. Esquecem-se de que estão protegendo a infância de seus filhos de tal forma que limitam o desenvolvimento de suas habilidades para se conectar com diferentes ambientes. Destaca também que espaços muito limitados e menos dinâmicos refletem as preocupações e formas de pensar dos adultos. Eles organizam um ambiente em que nada de ruim pode acontecer com seus filhos e usam isso para regular as brincadeiras e experiências das crianças.

Na concepção de Vale (2013), as crianças não vivem em redoma, os riscos e perigos existem onde menos se espera e onde menos se suspeita, por isso precisam estar preparadas para construir defesas.

Isto significa que é importante que as crianças tenham espaço para brincar livremente, deixá-los usar a imaginação e escolher onde querem brincar e explorar, porque só assim as crianças podem desenvolver-se de forma saudável e equilibrada. Em ambientes menos estruturados, é possível que as crianças (re)construam cenários que permitam o jogo simbólico e, posteriormente, o jogo de regras.

## **A RELAÇÃO DO PROFESSOR COM A LUDICIDADE**

Todo professor que tem interesse em promover mudanças nos métodos de ensino em sala de aula deve encontrar uma metodologia importante no uso de sugestões lúdicas que possam melhorar o comportamento no ambiente.

Sabe-se que o destaque do professor na aula não depende apenas dos conhecimentos adquiridos

na formação, mas também do ambiente específico da sala de aula. Assim, a prática docente deve ser produzida por meio da utilização da pedagogia e de métodos de ensino selecionados e inseridos no plano de ensino, de forma a organizar um método para atender as dificuldades dos alunos.

Para melhor compreender a importância do lúdico na prática docente, é necessário compreender a escola como um espaço de ensino democrático e universal que tem como principal função socializar os saberes dos alunos.

Dessa forma, uma alfabetização relevante na prática de ensino é apresentada pela proposta da questão lúdica, incorporando conhecimento pelas características do mundo. Além dessa alfabetização específica, o lúdico promove conhecimento, pensamento, oralidade, sentido e o rendimento escolar.

O trabalho pedagógico significa um conjunto de ações realizadas com um fim específico a partir de determinados conceitos, princípios e valores, trata-se de um trabalho planejado e intencional que visa pensar o modo de vida dos alunos de acordo com os padrões definidos por uma determinada sociedade, a estrutura dos comportamentos são desenvolvidos, e as contradições entre a estrutura e a organização social são consideradas.

Porém, ao planejar atividades lúdicas, é importante que os educadores lembrem que, ao brincar, as crianças não devem apenas desenvolver habilidades, estimular a autoconfiança e a autonomia, mas também vivenciar, descobrir, inventar, aprender e transmitir habilidades, promover o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, da concentração e atenção são essenciais para o bom desempenho das crianças na escola e na vida.

Os profissionais que atuam na educação devem ter consciência da relevância dos jogos e brinquedos para que as crianças aprendam a linguagem e outras habilidades.

Ortiz (2002, p.10) afirma que, como ferramenta pedagógica, devem ser incentivadas as atividades lúdicas, juntamente com outras atividades como a arte e a música, que contribuam para o enriquecimento da personalidade criativa, necessária para enfrentar os desafios da vida. Para qualquer tipo de aprendizado, tão importante quanto adquirir conhecimento é sentir o conhecimento.

Dessa forma, o lúdico abre caminho para que todos participem da proposta, que pode economizar potencial e lançar estratégias lúdicas de promoção do ensino e da aprendizagem, que com certeza serão mais lúdicas, produtivas e significativas.

Portanto, atividades que garantam o direito das crianças de aprender são essenciais. É nessa busca que o lúdico parece ser uma estratégia desse tipo de aprendizagem, que pode corresponder ao desenvolvimento de habilidades pessoais.

O treinamento interessante deve permitir que os professores se entendam, compreendam suas limitações, aliviem a resistência e construam visões significativas sobre a importância dos jogos, brinquedos e jogos para a vida das crianças.

Cabe lembrar que a atividade lúdica é um instrumento de intervenção utilizado na educação para que a criança interaja de forma a socializar-se naturalmente, corresponde a um impulso natural, e neste sentido, satisfaz uma necessidade interior.

No ensino fundamental, é muito bom e necessário trabalhar o lúdico, os professores podem utilizá-lo como método para diagnosticar, mediar e interferir no desenvolvimento geral das crianças, combinando o lúdico como uma forma significativa de aprendizagem. Através de atividades lúdicas a criança consegue enfrentar a vida, o mundo social e o físico.

Gonzaga (2009) considera que a essência de um bom professor é a capacidade de traçar objetivos para a aprendizagem das crianças, mediar suas experiências, atender com diferentes

linguagens, intervir e mudar de rumo quando necessário. Talvez bons professores sejam aqueles que respeitam as crianças e assim trazem uma qualidade interessante para sua prática pedagógica.

O entusiasmo do professor é muito importante no processo de ensino, incentivando os alunos a se interessarem pelo conteúdo, com métodos mais fáceis e prazerosos no seu planejamento, definitivamente, os resultados serão muito gratificantes para cada processo. Todos, especialmente os alunos, terão maiores recompensas, propiciando a todos os envolvidos mais satisfação.

A função do professor comum método lúdico deve ser o de incentivar e desafiar a participação coletiva na busca de recomendações e habilidades de resolução de problemas, pois os jogos educativos podem despertar e estimular o companheirismo e a cooperação das crianças.

Porém, a formação do professor na ludicidade deve se basear na aprendizagem significativa para aproximar a criança de sua realidade, pois essa abordagem deve ser deliberada e quebrar as barreiras existentes na sala de aula. Às vezes, o lúdico é utilizado para preencher espaços vazios no planejamento diário, dessa forma, a brincadeira deve desenvolver a formação do indivíduo na construção de conhecimentos.

O professor do ensino fundamental precisa entender que seu papel é o facilitador desse processo educacional, estando aberto a novas discussões e suas conseqüências na prática docente, enriquecendo assim o processo de ensino.

Bacelar (2009, p.82-83) enfatiza que o educador precisa ter o cuidado de agir de forma que equilibre suas recomendações para que não apenas cumpra seu plano de aula hipócrita sem considerar como essas recomendações afetam as recomendações, atividades de cada criança. De acordo com o autor, é necessário propor uma variedade de atividades para beneficiar o maior número possível de crianças, com diferentes

gostos, necessidades e personalidades.

Experimentar uma educação lúdica significa estar imerso e se tornar um todo, e oferecer possibilidades aos alunos. Considerar todas as possibilidades e praticar a educação integrada em vez de separar a mente dos sentimentos e razões. Portanto, além dos recursos formativos, a atuação lúdica ou prática também é a possibilidade de autodesenvolvimento.

Sendo assim, os educadores precisam entender as crianças, os homens, o currículo e a educação para que seu ensino possa dar uma contribuição positiva à sociedade. Nesse sentido, é muito importante que os educadores busquem o entretenimento em sua prática para que possam aprimorar sua prática docente.

Por isso, é importante que as escolas e instituições que trabalham com crianças na Educação Infantil coloquem em prática atividades lúdicas, não apenas como forma de recreação, mas como modelo educacional. Pois, além do brincar, o lúdico tornou-se um método para os professores utilizarem em sua metodologia na sala de aula proporcionando um melhor aprendizado aos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do brincar como finalidade pedagógica nos levou a refletir sobre o papel relevante que os educadores da Educação Infantil devem desempenhar nesse sentido, oferecendo possibilidades e oportunidades para que as crianças brinquem de forma planejada e equilibrada entre a prática do educador e o aluno com aproveitamento total do desenvolvimento integral infantil.

Compreendeu-se, dessa forma, que o brincar infantil torna-se fundamental na perspectiva do trabalho da Educação Infantil, considerando a criança como um indivíduo histórico e social.

Compreendeu-se também que o brincar tem

muita relevância para o desenvolvimento infantil, desde os primeiros anos de vida, por isso é necessário trabalhar na educação infantil, mas para isso, os educadores devem estar preparados para desenvolver atividades lúdicas.

Constatou-se neste artigo que no processo de brincar, a criança é o sujeito de seu aprendizado contínuo, seja sobre o mundo interior, seja sobre o mundo exterior, e ela socializa esse conhecimento e essas experiências com outras crianças.

Assim, a possibilidade de autoconhecimento proporcionada pelo brincar pode contribuir muito para a formação de crianças mais seguras, confiantes e conscientes de suas próprias potencialidades e limitações.

As instituições de Educação Infantil não podem considerar as atividades lúdicas como um comportamento relaxante, mas como uma ferramenta de ensino que tem a capacidade de aumentar a autoestima e agregar conhecimentos necessários ao processo de desenvolvimento das crianças ali presentes.

Conclui-se assim que trabalhar com crianças nas escolas, por meio do brincar, garante uma aprendizagem significativa e pessoas positivas, críticas, envolventes, conhecedoras e transformadoras do mundo. Estes meios são, sem dúvida, um dos caminhos da educação cívica.

Por fim, resta dizer que o brincar oferece novas formas de desenvolvimento para a criança, relacionadas a: formação de profissionais competentes, planejamento de atividades e infraestrutura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e Educação Infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GONZAGA. Rúbia Renata das Neves. **A importância da formação lúdica para professores de educação infantil**. Revista Maringá Ensina nº 10 – fevereiro/abril 2009. (p. 36-39).

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MOYLES, J, R. **Só brincar?** - O papel do brincar na educação infantil. São Paulo: Artmed, 2002.

ORTIZ, J. P. **Aproximação teórica à realidade do jogo**. In: MURCIA, J. A. M. Aprendizagem através dos jogos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Vale, M. **Brincadeiras sem teto**. Cadernos de Educação de Infância, 2013